

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BAHIA: CONTRIBUIÇÕES PARA AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS EM PERIFERIAS URBANAS

SOCIAL REPRESENTATIONS OF YOUTH COLLECTIVE NETWORKS IN THE RAILWAY SUBURB OF SALVADOR-BAHIA: CONTRIBUTIONS TO SOCIO-EDUCATIONAL PRACTICES IN URBAN PERIPHERIES

REPRESENTACIONES SOCIALES DE REDES COLECTIVAS JUVENILES EN EL SUBURBIO FERROVIARIO DE SALVADOR-BAHIA: CONTRIBUCIONES A PRÁCTICAS SOCIOEDUCATIVAS EN PERIFEROS URBANOS

Natanael Reis Bomfim
nrbomfim@uneb.br;

PHD em Educação pela Universidade do Quebec em Montreal
Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia

Jeanne Lopes Santana
lsjeanne@hotmail.com

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia.
Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade (GIPRES)

RESUMO

Este estudo quanti-qualitativo, de caráter interpretativo/descritivo e exploratório, teve como objetivo apreender as representações sociais de coletivos de jovens de periferias urbanas, a fim de desvelar práticas socioeducativas que contribuíssem para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas. O estudo foi apoiado pela Teoria e pelo Método das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961; JODELET, 2001), assim como pela Teoria Social de Rede (BARNES, 1972; 1987; LAGO JÚNIOR, 2005), e a investigação empírica foi desenvolvida com 10 coletivos de jovens periféricos, da cidade de Salvador, Bahia. Para tal, utilizamos a técnica da amostragem em *snowball sampling*, a

partir da qual, em duas etapas, realizamos a entrevista individual, presencial e via celular/*WhatsApp* com os líderes e representantes. No primeiro momento, essas informações foram tratadas pelo *GEPHI/Cfinder* e analisadas pelo método de redes sociais. Em seguida, a análise do conteúdo do discurso foi realizada pelo método Bardin (2011) e os resultados apontaram conexões e práticas socioeducativas significativas para o processo formativo desses jovens na Educação em Periferias Urbanas.

Palavras-chave: Representações Sociais. Redes. Práticas socioeducativas. Jovens. Periferias Urbanas.

ABSTRACT

This quantitative-qualitative, interpretive/descriptive and exploratory study aimed to apprehend the social representations of youth groups from urban peripheries, in order to unveil socio-educational practices that would contribute to the development of Education in Urban Outskirts. The study was supported by the Theory and Method of Social Representations (Moscovici, 1961; Jodelet, 2001) and by the Social Network Theory (Barnes, 1972; 1987; Lago Júnior, 2005) and the empirical investigation was carried out with 10 groups of peripheral youths, from the city of Salvador, Bahia. To this end, we use the snowball sampling technique, where we apply individual interviews, in person and via cell phone/*WhatsApp*, to leaders and representatives. At first, this information was treated by *GEPHI/Cfinder* and analyzed using the social networks method. Then, the analysis of the content of the discourse was carried out using the Bardin method (2011) and the results pointed out connections and significant socio-educational practices for the formative process of these young people in Education in Urban Outskirts.

Keywords: Social Representations. Networks. Socio-educational practices. Young. Urban Outskirts.

RESUMEN

Este estudio cuantitativo-cualitativo, de carácter interpretativo / descriptivo y exploratorio, tuvo como objetivo apprehender las representaciones sociales de grupos juveniles de las periferias urbanas, con el fin de develar prácticas socioeducativas que contribuyan al desarrollo de la Educación en la Periferia Urbana. El estudio se apoyó en la Teoría y Método de las Representaciones Sociales (MOSCOVICI, 1961; JODELET, 2001), así como en la Teoría de las Redes Sociales (BARNES, 1972; 1987; LAGO JÚNIOR, 2005), y se llevó a cabo la investigación empírica con 10 grupos de jóvenes de las afueras de la ciudad de Salvador, Bahía. Para ello, utilizamos la técnica de muestreo de bola

de nieve, a partir de la cual, en dos etapas, realizamos una entrevista individual, presencial y vía celular / WhatsApp con líderes y representantes. Al principio, esta información fue tratada por GEPHI / Cfinder y analizada mediante el método de las redes sociales. Luego, se realizó el análisis del contenido del discurso mediante el método Bardin (2011) y los resultados señalaron conexiones y prácticas socioeducativas significativas para el proceso formativo de estos jóvenes en Educación en Periferia Urbana.

Palabras clave: Representaciones sociales. Redes. Prácticas socioeducativas. Joven. Periferia Urbana.

INTRODUÇÃO

Este estudo qualitativo, de caráter interpretativo/descritivo, realizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, teve como objetivo apreender, pelos processos de ancoragem e objetivação, as representações sociais de redes de coletivos de jovens da periferia urbana, a fim de desvelar práticas socioeducativas que contribuíssem para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas.

A pesquisa se ancora na Teoria e no Método das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961; JODELET, 2001), assim como na Teoria Social de Rede (BARNES, 1987; LAGO JÚNIOR, 2005), que explicam as construções sociossimbólicas e as significações sociais como formas de elaboração de representações sociais de sujeitos e grupos. Esse constructo, para além de outras funções, serve como instrumento do saber, conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e gestão do espaço social e para orientar práticas sociais, ambientais e educativas.

As ideias acima nos levam a caracterizar os coletivos de jovens¹ como vividos, percebidos e concebidos na dinâmica das práticas sociais no espaço produzido socialmente pela conjunção-disjunção como ruptura com a centralidade. Logo, conceituamo-nos como um grupo social organizado,

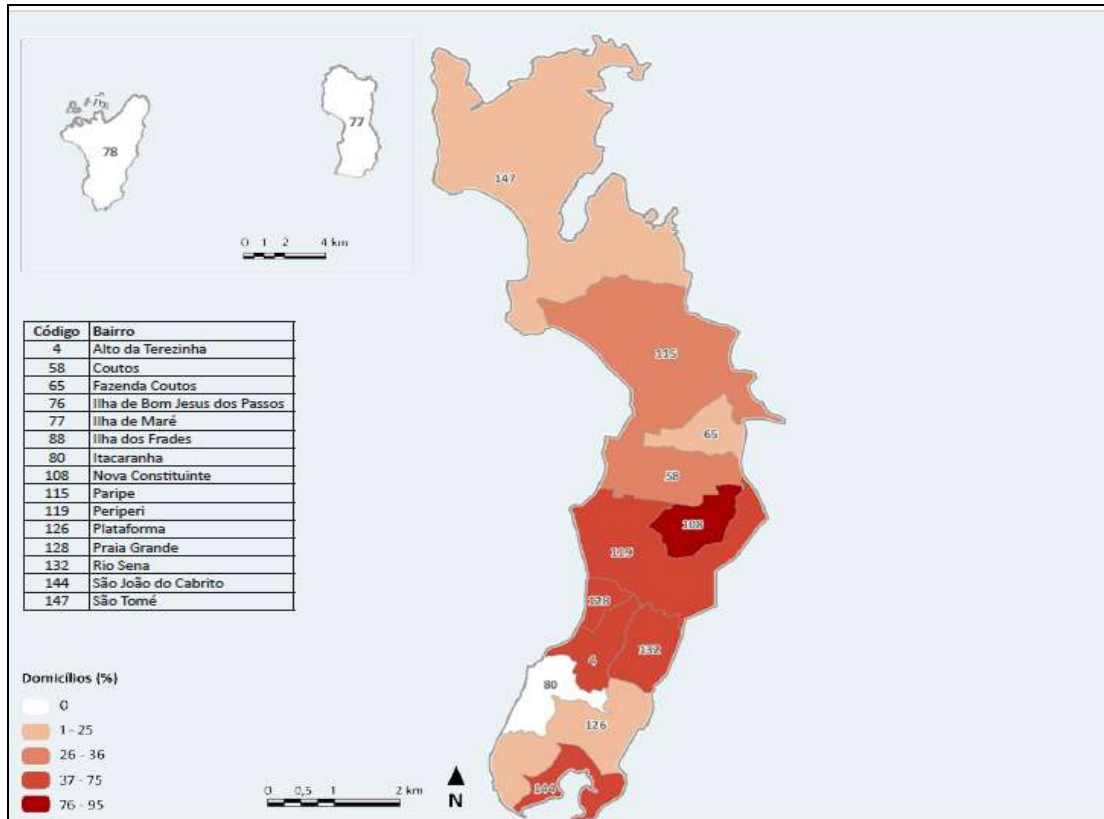
¹O interesse da palavra no plural consiste na importância de identificar os sujeitos enquanto coletivos ou grupos sociais identificados em suas práticas cotidianas e não enquanto indivíduos isolados da realidade vivida em sociedade.

sistematizado, no qual experiências são vividas, guiadas pela necessidade dos sujeitos e pelo desejo comum de realizar algo ou alguma coisa. Essa realização se traduz nessas práticas socioeducativas, que podem fortalecer as suas identidades, justificar o tipo de relação que eles estabelecem com diversos grupos e subgrupos sociais e desenvolver a Educação em Periferias Urbanas.

Para melhor compreender as periferias urbanas, o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que, de acordo com a idade, a população da Cidade do Salvador distribuiu-se de forma que as crianças e os adolescentes (0 a 14 anos) somaram 21% da população, sendo eles 24% da população dos aglomerados subnormais. Os jovens (15 a 29 anos) representam 28% da população; a de adulto 42% e a de idosos acima de 60 anos soma 9%. Enquanto que, nos aglomerados subnormais, o percentual da população de jovens, adulta e idosa é, respectivamente, de 29%, 40% e 7%.

Nesse contexto, insere-se o Subúrbio Ferroviário de Salvador, caracterizado pela extrema desigualdade social, pela violência, pelas fragilidades no contexto educacional, entre outros fenômenos psicossociais conectados, principalmente, com as questões da juventude. Ele é composto por 18 quilômetros de praias da Baía de Todos os Santos, que margeiam os 15 (quinze) bairros (dentre eles, três ilhas) oriundos de ocupações informais e desordenadas, caracterizadas pela escassez de saneamento básico (Figura 1).

FIGURA 1 – MAPA DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR E OS AGLOMERADOS SUBNORMAIS



Fonte: IBGE², Censo 2010: Aglomerados Subnormais - Informações Territoriais.

Dentre eles, o mais populoso é Paripe (55 mil hab.), seguido de Periperi (47 mil hab.) e Plataforma (34 mil hab.). As localidades menos populosas na região são as ilhas dos Frades (733 hab.), de Bom Jesus dos Passos (1 465 hab.) e de Maré (4 236 hab.). Esses fatores, aliados à presença de oficinas e fábricas da Leste e das antigas fazendas já existentes na área suburbana³, foram os principais elementos que se articularam para delinear, a partir do século passado, os núcleos que hoje representam os bairros desse subúrbio.

² Padrão predominantemente denso em toda a Região Metropolitana de Salvador (RMS), com domicílios sem espaçamento entre si. Predomínio de aclives/declives acentuados, de verticalização de dois ou mais pavimentos e de circulação interna por escadarias, becos e rampas na maioria das áreas da capital.

³“Nas décadas de setenta e oitenta, após a construção da Avenida Afrânio Peixoto (Suburbana), que se desenvolveu paralela à Rua Voluntário das Pátrias e à ferrovia, intensificou-se a ocupação das áreas que foram aterradas” (Rocha, 2003, p. 26).

Ainda que na falta de dados precisos sobre as ocupações informais configuradas como urbanas, estima-se que as grandes capitais abrigam 60% da sua população.

Nesse cenário, as reportagens midiáticas, na maioria das vezes, apresentam os/as jovens das periferias incluídos/as como sujeitos perigosos, mentores de crimes, alvos de discriminação, pelo modo como se comportam, se vestem, falam, formam seus grupos que, por muitos, são estigmatizados como “gangues de rua”. Assim, notícias sobre a violência no subúrbio da Cidade de Salvador levam o leitor a criar estereótipos e analogias equivocadas sobre a tríade pobreza-periferia-violência.

É importante salientar, contudo, que a pobreza não é o fator único para a violência relacionada ao crime e, tampouco, a tríade pode ser exclusivamente associada aos jovens negros. Sobre essa reflexão, no Brasil e em Portugal, os estudos de Aderaldo e Raposo (2016) têm demonstrado que os jovens vinculados aos territórios de exclusão social ganharam projeção pública, por meio da associação à criminalidade. Entretanto, se por um lado eles têm sido objeto de problematização no campo do desvio e da marginalidade; por outro, graças à popularização do acesso aos meios digitais, à aprendizagem informal da manipulação e ao acesso das ferramentas e dos recursos tecnológicos, eles têm mobilizado projetos culturais autônomos com o propósito estritamente político (PAIS, 2003; CASTRO 2009).

Portanto, a fim de um aprofundamento dessa problemática, bem como auxiliar no processo de formulação do problema e na elaboração dos objetivos desta pesquisa, verificamos a necessidade de uma revisão de literatura sobre os estudos recentes e que abordam a temática das representações e redes sociais, juventudes e educação.

REVISÃO DE LITERATURA, FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS DA PESQUISA

Recorremos ao banco de dados do *Google Acadêmico*, para a realização da pesquisa bibliográfica que contemplou as seguintes categorias de análise: “coletivos de jovens”, “redes”, “práticas socioeducativas” e “espaços educativos”. O planejamento de busca seguiu as seguintes etapas e filtros: 1) artigos período de 2015 a 2020; 2) grande área de conhecimento em Ciências Humanas; 3) área de conhecimento em Educação. Após a utilização do filtro, nos campos da Sociologia, da Psicologia e da Educação, registramos 05 (cinco) produções que mais se aproximam da temática em questão, nos campos mencionados.

Martins (2017) investigou as experiências, as relações sociais e os seus significados entre jovens que atuavam em uma ocupação urbana na cidade de Belo Horizonte. Os resultados revelaram, entre outros aspectos, que a militância na ocupação por meio da Frente de Juventude constituía-se em um espaço socializador e com grande potencial formativo.

Pinheiro (2020), pelas narrativas e pela observação de práticas culturais produzidas pelos jovens de bairros periféricos de Porto Alegre, analisou as condições de trabalho para discutir tomadas de posição na produção de alternativas laborais associadas. Assim, programas de integralização da educação, inicialmente experienciados como suportes, são convertidos em campo de ação mediante agenciamentos operados pelos jovens.

Garrido (2020), no Subúrbio Ferroviário de Salvador, investigou as representações sociais de jovens sobre o “futuro” e apontou a evidência de uma significação tecida por redes de compartilhamento que permitem ações concomitantes de saberes e conhecimentos em suas práticas cotidianas.

Bomfim e Santana (2020) mapearam coletivos de jovens no bairro Periperi, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e os resultados apontaram uma

participação social de jovens, no âmbito da sociedade, como várias ações artísticas e definidas como multilinguagens⁴.

Para aprofundar a nossa revisão de literatura, buscamos o trabalho de Sposito, Almeida e Corrochano (2020), que analisaram textos, elaborados entre 2006 e 2018, sobre jovens como atores coletivos e as suas ações na esfera público-política e verificaram as tendências da pesquisa. Os resultados apontam para as modalidades de prática, em três eixos: aquelas derivadas da condição estudantil; as que incidem sobre as culturas juvenis e os movimentos de ação direta, ao lado dos associativismos de base territorial e de mobilizações a partir das identidades.

Pela revisão de literatura dos autores e pelos três eixos apresentados por Sposito, Almeida e Corrochano (2020), a nossa temática se insere numa aglutinação entre o segundo e o terceiro, na tentativa de avançar nessa pesquisa. Para além, percebemos que, do ponto de vista teórico-metodológico, são raros os trabalhos que se utilizam da ancoragem entre a análise das representações sociais e a análise social de redes. Portanto, urge a necessidade de se apreender as representações sociais de redes de coletivos de jovens de periferias urbanas. Isso implica em evocar as relações sociais, culturais e educativas como mediadoras de um processo de ressignificação de jovens nos espaços sociais de exclusão, como forma de disponibilizar ferramentas e instrumentos importantes para educadores e gestores responsáveis por políticas públicas na área de educação, cultura e juventude (BOMFIM; GARRIDO, 2019).

No campo interdisciplinar da Psicologia, Sociologia e Educação, ainda é possível pensar que o seu conteúdo possibilite o fortalecimento de identidades e orientem práticas socioeducativas que possam contribuir com a Educação em

⁴Segundo Rojo e Moura (2012), esse conceito vai além das noções de letramento e de letramentos múltiplos, estabelecendo-se como a multiplicidade de culturas e de canais de comunicação que cercam os jovens e lhes possibilitam participar de forma ativa das esferas pública e privada, seja no aspecto pessoal ou profissional.

Periferias Urbanas. Por conseguinte, uma questão guiou a nossa pesquisa: no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Bahia, como os/as jovens representam socialmente as suas redes de coletivos? Como essas imagens, como conteúdo, podem contribuir para orientar práticas socioeducativas? Para tal, os objetivos específicos do estudo buscaram, no primeiro momento, identificar e analisar as representações sobre as redes de coletivos construídas por jovens de periferias urbanas. No segundo momento, procuraram desvelar pistas que orientem práticas socioeducativas nos diversos espaços educativos.

ENLACE TEÓRICO E METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

A Teoria e o Método das Representações Sociais têm possibilitado novas percepções sobre os sujeitos e as suas vivências, além da rede de relações sociais, ambientais, culturais que envolvem a sua trajetória de vida como um todo, considerando sempre esses os caminhos para melhor compreender o mundo. Moscovici (2015, p. 21) alerta: “sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio dos quais indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo”.

Para Jodelet (2001), as representações sociais designam um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação, a compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo. Desse modo, elas emergem como processo que ao mesmo tempo desafia, reproduz, repete e supera um movimento de formado e formação da vida social de uma comunidade, tendo uma dinâmica que perpassa a estrutura social condicionando a nossa visão de mundo e sendo por ela condicionada, numa relação profundamente dialética e dialógica.

Nessa linha de pensamento teórico, entendemos que alguma coisa (objeto) é sempre socialmente representada por alguém (sujeito). Então,

teoricamente, compreender os significados e sentidos que os/as jovens atribuem às suas redes sociais implica em revelar imagens, como constructos simbólicos que nos possibilitem identificar sujeitos/elementos (nós) e outras conexões/relações nos coletivos, capazes de fortalecer identidades e orientar práticas socioeducativas em diversos espaços educativos das periferias urbanas.

No enlace com a Teoria Social de Rede, Barnes (1987, p. 163) define redes sociais como “processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias”. Nesse sentido, faz-se necessário associarmos a abordagem processual em que as RS são consideradas como princípios que organizam as práticas sociais e as relações simbólicas entre as pessoas frente a objetos sociais que as perpassam (MOSCOVICI, 1961; JODELET, 2001).

Como recurso de análise, esse autor institui a ideia de redes sociais em uma perspectiva sociocêntrica, em que os membros da sociedade ou de parte dela estão imersos. Ele parte da ideia de metáfora apresentada por Radcliffe-Brown (1973) para ser utilizada de forma metodológica nos estudos operacionais com ênfase nas relações sociais, enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre as pessoas, seus elos pessoais e as organizações do contexto em que elas se inserem. Logo, Barnes (1972, p. 3) ressalta, em sua proposta analítica, “alguns dos critérios de análise: tamanho da rede, ou seja, o número de unidades na rede; atenção dada aos efeitos em "A" da relação entre "B" e "C".

Complementando com os estudos de Lago Júnior (2005) para análise dessas redes sociais, podemos ainda utilizar os critérios estruturais que dizem respeito à identificação dos atores sociais (como um nó), bem como suas ligações ou representações gráficas de linhas que conectam os pontos (atores). Ainda, segundo ele, na sua estrutura, podemos identificar posição hierárquica, localização, afinidade, idade, escolaridade, sexo. Essas ligações

entre dois atores ou mais podem nos permitir aferir o tamanho, definido pela quantidade de conexões existentes entre os atores de uma rede. Por sua vez, a densidade ou a potencialidade se apresenta como o resultado entre o número de ligações existentes e o número de ligações possíveis em uma determinada rede permeada pelo fluxo de informações. Isso significa dizer que quanto maior é a densidade mais intensa é a troca de informações na referida rede e vice-versa. Finalmente, sem considerar o espaço virtual, é possível identificar, pela distância em relação à sua localização, a coesão entre os atores sociais de uma rede social.

Pelo exposto, é possível perceber que, para identificar e analisar as representações sobre redes de coletivos construídas por jovens de periferias urbanas, indiscutivelmente utilizamos a abordagem processual e estrutural. A primeira busca a objetivação, a reconstrução da realidade social; e a segunda a familiarização dessa realidade pela estrutura e organização dessas representações.

Entendemos que se utilizássemos, apenas, a teoria social de redes, estariamos limitando o uso analítico das representações das pessoas em “nós” e dos relacionamentos entre elas em “linhas” ou “elos” (MITCHELL 1969). Logo, para além do que foi dito, enlaçar esta teoria com a abordagem estrutural das representações sociais significa considerar, para além, os seguintes critérios: “(nós) atores sociais, conexões, perfil de grupos/subgrupos, tamanho, densidade ou potencialidade”.

No campo da Educação e da Psicologia Social, possivelmente, a construção social da realidade de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador se manifesta pelos saberes e pelas práticas do cotidiano. Essa construção, enquanto processo, alicerça as representações sociais pela comunicação e interação sociais, que evidenciam informações, organizadas e partilhadas coletivamente, revelando imagens que determinam o seu campo e guiam a ação social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

O estudo foi do tipo quantitativo-qualitativo de caráter interpretativo/descritivo e exploratório, quando buscou compreender a realidade social construída pelos atores/participantes (MINAYO, 2001). O objetivo, por sua vez, foi apreender o conteúdo das representações sociais sobre as redes de coletivos de jovens e a sua relação com as contribuições significativas das práticas socioeducativas para o desenvolvimento da Educação em Periferia Urbana.

A investigação empírica foi realizada em duas etapas: inicialmente, em 2019, nos 04 bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador (onde, dentro da população geral, foi localizado o perfil necessário para a investigação), deu-se o contato com as pessoas consideradas como sementes: líderes ou representantes dos coletivos, maiores de 18 anos e que aceitaram espontaneamente participar do estudo. Encontramos 01 coletivo e 01 projeto social em cada bairro (Paripe, Periperi, Plataforma e Lobato), pela técnica da amostragem em *snowball sampling* (BIERNARCKI; WALDORF, 2018). Em seguida, realizamos uma entrevista, presencial, com 10 questões.

Na segunda etapa, em 2020, considerando o distanciamento social durante a pandemia do SARS-CoV2, os contatos foram feitos por telefone/*WhatsApp* e a entrevista gravada foi realizada com outros informantes em potencial. A eles, foi solicitado, para além de outras questões, que indicassem outros contatos com características desejadas, a partir da sua própria rede social. Sucessivamente, a rede foi crescendo a cada entrevista, encerrando-se quando não houve novos nomes e as informações foram saturadas.

O conteúdo da entrevista estruturada foi tratado pelo *software Statistical Package For The Social Science* (SPSS) versão 22.0 para *Windows* e

analisado estatisticamente pela frequência simples e percentual. Para a análise específica da formação e articulação em redes dos coletivos, as informações recolhidas foram tratadas pelo *GEPHI/Cfinder*, pois é um software de código aberto distribuído sob a licença dupla CDDL 1.0 e GNU *General Public License* v3, disponível em Java para Windows. Em seguida, o conteúdo foi analisado pelo método de redes sociais (ARS), as quais são entendidas, segundo Santos (2004, p. 55), como

estruturas construídas quando os indivíduos interagem, e essas estruturas interferem na capacidade de organização de lidar tanto com o cotidiano como também com imprevisibilidade dos problemas. As redes podem ser estudadas e divididas nos aspectos intra e interorganizacionais.

Assim, buscaram-se as ligações entre os indivíduos das redes, o fluxo das informações, as formas de conexões e a sua influência nos processos organizacionais. Finalmente, para a apreensão das práticas socioeducativas, utilizamos o método da análise do conteúdo de Bardin (2011).

DESVELANDO “NÓS” E “ELOS” QUE CONECTAM OS/AS JOVENS ÀS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS EM PERIFERIAS URBANAS

A pesquisa realizada, por meio de entrevistas presenciais e do celular/*WhatsApp*, junto aos 10 (dez) líderes de coletivos, permitiu-nos evocar e materializar a fala sobre: nome do coletivo, seus representantes, quando e onde o coletivo se formou, sua localização e lugares onde atua. O conteúdo nos possibilitou uma apresentação do Quadro 1.

QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS COLETIVOS: LOCALIZAÇÃO, NÚMERO DE PARTICIPANTES E AÇÕES EDUCATIVAS

N.º de	Período de	Localização	N.º de	Ações Educativas
---------------	-------------------	--------------------	---------------	-------------------------

83

Coletivos	Criação		Participantes	
01	2018 a 2020	Lobato	06	Teatro
02	2018 a 2020	Alto do Cabrito	27	Teatro
01	2018 a 2020	Fazenda Coutos	07	Teatro
01	2016 a 2020	Periperi	33	Teatro
02	2016 a 2020	Paripe	37	Linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances
01	2016 a 2020	São T. Paripe	04	Teatro
22	2014 a 2020	Plataforma	398	Linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances; dança
30			512	

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Os coletivos identificados se formaram entre o período de 2014 e 2018. Aqueles com o maior número de integrantes se localizam nos bairros Subúrbio de Plataforma (398), Paripe (37), Periperi (33) e Alto do Cabrito (27). Aqueles com os menores números se localizam, respectivamente, nos bairros Lobato (06), Coutos (07) e São Tomé de Paripe (04). Eles praticam ações educativas que se inserem nas multilinguagens, tais como: teatro, dança, linguagens artísticas como a fotografia, a literatura e performances.

Pela análise específica da formação e articulação em redes dos coletivos, constatamos, pelas respostas dos informantes, que o processo de constituição da maioria dos grupos acontece pela interação e inquietação dos participantes em produzir arte-educação com os moradores das comunidades, numa perspectiva de fazer algo que evidencie a periferia. Nesse processo, segundo os/as jovens, a rede vai se ampliando à medida que um ator social ou mais se apresenta ou se apresentam, convida ou convidam outros, numa oportunidade de organização dos seus próprios grupos. Por unanimidade, os objetivos dessa constituição gravitam em torno de contribuir com o fortalecimento da identidade cultural, social e educativa, integrar a comunidade, educar e fazer com que a periferia e os jovens sejam vistos de outra forma,

sem preconceitos. Assim, dos 30 coletivos identificados e constituídos, 22, que se localizam em Plataforma, são os mais antigos. Desses, 04, com uma média de quatro anos, estão localizados em Periperi, Paripe e São Tomé de Paripe; e 04, com uma média de dois anos, estão localizados nos bairros Lobato, Alto do Cabrito e Fazenda Coutos (Mapa 1).

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DOS COLETIVOS DE JOVENS



Fonte: elaboração do estatístico Evaldo Simões (2020).

Em síntese, dos 15 bairros que constituem o Subúrbio Ferroviário de Salvador, a leitura interpretativa dos dados informados pelos participantes indicou que os coletivos com o maior número de jovens se localizam nos bairros mais populosos: Paripe (55 mil hab.), Periperi (47 mil hab.) e Plataforma (34 mil hab.).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS NAS PERIFERIAS URBANAS

Os mesmos líderes foram solicitados a responder se eles conheciam outro coletivo ou outros. Em caso de respostas positivas, eles deveriam dizer como conheceram, se mantêm conexão (articulação) com esse(s) coletivo(s) e o que conecta o seu coletivo ao(s) outro(s). As respostas, transcritas e analisadas o seu conteúdo (BARDIN, 2011), geraram o quadro 2.

QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA DAS REDES SOCIAIS DE JOVENS DOS COLETIVOS NO SFS

Coletivo (M)	Localização (M)	Lugar(es) de atuação	C/Conexão (OFR)	Localização do/s Grupos	Fatores da Conexão (FCR)
Ruasia (100)	Plataforma	Plataforma Paripe	Herdeiros de Angola Projeto Sim Cutucar	Plataforma Paripe	IG; S; AAE
Herdeiros de Angola (45)	Plataforma	Plataforma	Os Enclacados Moveer Dancer Projeto Sim	Plataforma	IG; S; AAE
Cutucar (33)	Paripe	Paripe Fazenda Coutos Plataforma.	Mobunjá Coletivo Incomode Os Enclacados A Rua	Fazenda Coutos Paripe Plataforma	IG; S; AAE
Projeto Sim (30)	Plataforma	Plataforma	Herdeiros de Angola	Plataforma	IG; S; AAE
Coletivo Incomode (23)	Paripe	Paripe Plataforma	Cutucar	Paripe	IG; S; AAE
Produtores do Subúrbio (15)	Alto do Cabrito	Alto do Cabrito	Sarau do Cabrito	Alto do Cabrito	IG; S
Sarau do Cabrito (12)	Alto do Cabrito	Alto do Cabrito	Produtores do Subúrbio	Alto do Cabrito	IG; S
Os Enclacados (10)	Plataforma	Paripe Fazenda Coutos	Coletivo Cutucar Mobunjá	Paripe Fazenda Coutos	IG; S; AAE
Grupo Esquadrão (5)	Plataforma	Plataforma	Moveer Dancer	Plataforma	IG; S
A Rua (3)	Plataforma	Periperi	Cutucar	Periperi	IG; S

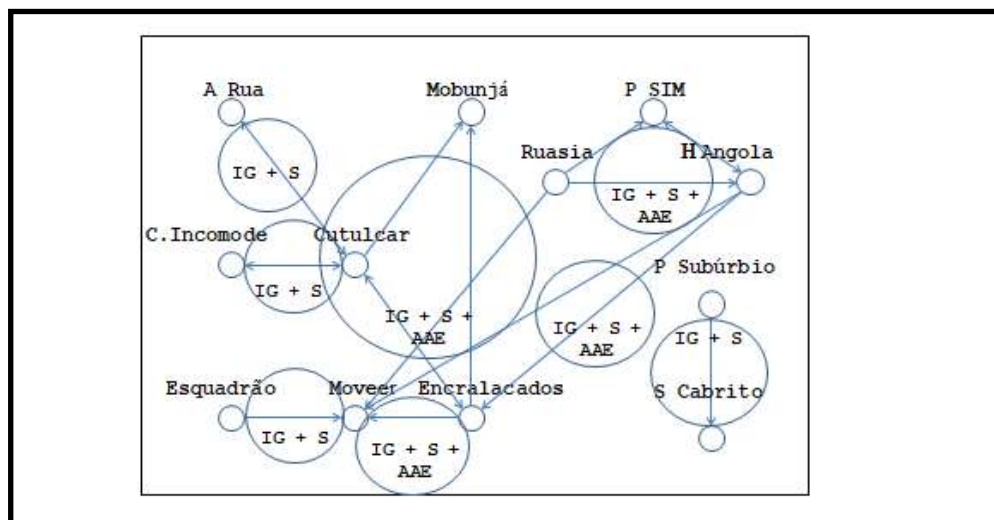
Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Legenda: IG (identidade de grupo); S (Solidariedade); AAE (Atividade de Arte e Educação).

Considerando as características e a estrutura de redes sociais de coletivos de jovens, foi possível afirmar, em relação aos 10 coletivos, cujos líderes compuseram a primeira amostra: correspondem a 33,3% do total e abrigam 53,9% da população total, ou seja, 276 (duzentos e setenta e seis) jovens. Os dados também revelaram que, para além do seu local de origem, esses coletivos atuam em outros bairros do subúrbio, principalmente em Paripe e Plataforma. A partir dessas características, foi possível inferir que esses coletivos se estruturam a partir dos atores sociais que formam grupos e subgrupos e se conectam por fatores comuns, seja pela identidade de grupo, pela solidariedade ou pelas atividades de educação e arte que compõem as multilinguagens, redes sociais construídas por eles, de sua condição juvenil e sua realidade social.

Complementando, pela análise estrutural de redes sociais (LAGO JÚNIOR, 2005): identificação dos atores sociais (como um nó), ligações que conectam os pontos (atores), subgrupos de atores (posição hierárquica), localização, afinidade e perfil, dados analisados e tratados no *software word* (Figura 2).

FIGURA 2 – ESTRUTURA DE REDES SOCIAIS DOS COLETIVOS DE JOVENS DO SFS



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Nesse arranjo estrutural, representado na Figura 2, foi identificado um grande grupo formado pelo Coletivo Cutucar (33), não por sua densidade populacional, mas, sim, por sua primeira posição hierárquica e pela capacidade de atrair e de se articular com outros grupos menores. Esse coletivo estabelece conexão com três subgrupos, formando uma segunda ordem hierárquica de maior para menor atração de conectividade: Os Encralcados (10), Incomode (23), Rua (03) e Mobunjá, sendo os três primeiros localizados em Plataforma e o último em Fazenda Coutos. Ainda é possível observar que, nessa mesma ordem hierárquica, revelam-se os coletivos: Ruasia (100), Herdeiros de Angola (45), Projeto Sim (30), Encralcados (10) e Moveer Dance todos localizados em Plataforma, onde existe um Centro Cultural que permite aos jovens o exercício de suas PSE. Encontramos, ainda, como grupos isolados e que se conectam entre si: Produtores do Subúrbio (15) e Sarau do Cabrito (12). Esses localizados no bairro Alto se conectam entre si.

O Esquadrão (05), de Plataforma, por afinidade se conecta com o Moveer Dance.⁵ Vale salientar que, nessa representação da estrutura de redes sociais, 11 coletivos apareceram e dois a mais não foram entrevistados, apenas citados pela técnica da “bola de neve”.

Considerando as ligações entre os atores, constatamos que no Coletivo Cutucar os seus 33 atores sociais estabelecem conexões com 36 outros ou mais. Herdeiros de Angola, por sua vez, com 45 atores jovens, conectam-se com 40 ou mais, do Projeto Sim e dos Encralcados.

Os resultados apontaram que dos 30 coletivos, como amostra ampliada, 276 jovens, ou seja, 53,9%, conectam-se entre si. Isso nos permitiu concordar com Lago Júnior (2005) sobre a quantidade de conexões existentes e o número de atores conectados, afirmando que as redes sociais dos coletivos de

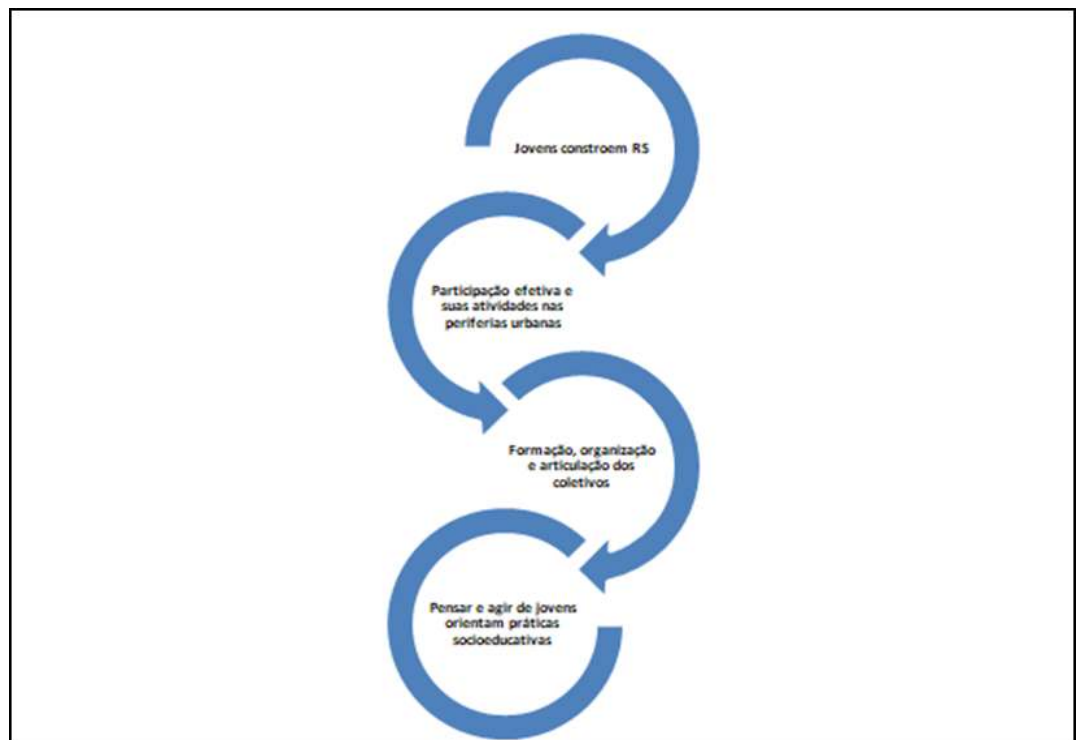
⁵Não obtivemos o número de jovens para esse coletivo.

jovens do subúrbio são extensas e densas em potencial. Isso significa que o fluxo e a troca de informações são intensos nessas redes sociais.

ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS DAS REDES DE COLETIVOS PARA A PROMOÇÃO DE PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS

Os discursos carregados de significados sociossimbólicos e afetivos dos/das jovens permitiram fazer emergir um conteúdo constituído, traduzido em imagens que revelaram os seus atos e as suas conexões transversalizadas de saberes capazes de fortalecer identidades e orientar práticas socioeducativas nas periferias urbanas (Figura 3).

FIGURA 3 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE REDES E PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Dos processos de ancoragem e objetivação, a figura acima apresenta os elementos que os/as jovens constroem sobre suas redes e suas práticas socioeducativas nos diversos coletivos das suas comunidades. Esses resultados apontam para a participação efetiva de jovens, cuja organização e articulação dos coletivos lhes permitem pensar e agir voltados para o exercício de práticas socioeducativas. Essas práticas se apresentam em três dimensões: socioeducativa, atitudinal e funcional, e se articulam entre si e com outros, constituindo-se em outras territorialidades (BOMFIM, 2009).

Na socioafetiva, essas práticas são entendidas como aquelas que engendram e são engendradas por valores concebidos como crenças impregnadas de afeto e significação social e subjetiva. Nesse sentido, os/as jovens são membros da sociedade, logo, eles/as são parte dela e se inserem nos grupos sociais ligados entre si por laços sociais que se estabelecem dentro do princípio da ambivalência.

Na dimensão atitudinal, elas podem ser conceituadas como atos de investimentos desses jovens, traduzidos como experiências formativas em arte e educação capazes de contribuir com a quebra de estigmas, com o fortalecimento de redes colaborativas e identitárias. Dessa maneira, eles criam redes de significados sobre as coisas do mundo nas práticas cotidianas, que Gohn (2006) reforça quando afirma que os processos de formação que fluem através dessas organizações difundem habilidades práticas que permitem aos sujeitos atuar na vida pública.

Nesse conjunto se instaura a dimensão funcional, fornecendo informações significativas para a compreensão das articulações entre os valores construídos pelos jovens e suas práticas socioeducativas, que se dão no contexto da família, da escola, entre outros espaços de formação. Logo, as experiências juvenis vão sendo submetidas às práticas exercidas nos coletivos

que, embora não se assemelhem aos rituais escolares, ainda pretendem promover sobre estes um processo efetivo de socialização. Em síntese, os elementos significativos das representações sociais de redes encontrados dialogam com aqueles pensados por Barnes (1972) e Mitchel (1969), Elias (1994); Waizbort (1999) e Colonos (1995), sobre a ultrapassagem das conexões para além dos limites do grupo social. Logo, inferimos que existe uma relação entre jovens e a comunidade na perspectiva de entender o social, o todo, como processo.

Ainda, corroborando as análises de Lago Júnior (2005) e Acioli (2007), particularmente pelas características e pela estrutura das redes sociais de jovens nos coletivos das periferias urbanas, podemos explicar as formas de organização e articulação desses coletivos, bem como a promoção de suas práticas socioeducativas nos territórios de exclusão social. Ou seja, a partir de grupos centrais, existem uma extensa e uma densa conexão tecidas por imagens de fios e malhas que explicam o grande fluxo de informações e, conseqüentemente, a potencialidade dessas práticas. Contrariando as ideias de Loiola e Moura (1997), nesse caso, os grupos centrais são a fonte geradora da rede social.

Esse conteúdo que revela práticas socioeducativas nos espaços de pertencimento pode contribuir com o fortalecimento de memórias e identidades locais. Como afirma Hall (2006), não podemos falar de identidade sem falar em alteridade. Significa dizer que o conteúdo e o processo de construção dessas representações revelaram, pelos discursos, relações ambivalentes de conflitos, de afetividade, identitárias e de pertencimentos. Além disso, foi realizada a apreensão do seu conteúdo e a compreensão do processo de construção de representações sociais sobre redes de coletivos de jovens e a sua relação com as práticas socioeducativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de avançar o conhecimento teórico sobre redes sociais de jovens periféricos, este estudo, no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia, levou-nos a apreender as representações sociais sobre as redes de coletivos de jovens, sob a base fundante da Teoria e do Método das Representações Sociais e Teoria de Análise Social de Redes. Essa abordagem possibilitou compreender como os coletivos de jovens se conectam e se articulam para realizar suas ações sociais, educativas, culturais e políticas como marcadores importantes para o fortalecimento dos processos formativos e identitários desses atores e da comunidade local.

Os resultados respondem as questões de pesquisa quando constatamos que são essas conexões que mantêm os lugares e os seus grupos representativos como grupo de pertença, amalgamando assim o espírito de solidariedade de uma comunidade que vive num ambiente caracterizado por questões importantes e marcado pelo pragmatismo das atividades sociais e pela simbologia desses lugares. Também são nessas redes que os grupos desenvolvem práticas socioeducativas significativas para o processo formativo de seus participantes, bem como para a visibilidade e para o fortalecimento de suas identidades como bases fundantes para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas.

O estudo da formação de redes de coletivos de jovens de periferias urbanas possibilita, para essa modalidade de educação, um corpo de conhecimentos que nos permitiu os saberes existentes nos campos da Psicologia e da Sociologia, explicando a sua contribuição, nos planos científico, socioeducativo e didático.

Plano científico: com efeito, fornece conhecimentos que podem ajudar os educadores sociais, os gestores e os professores nos seus esforços para compreenderem como os jovens se organizam, tanto nas redes sociais quanto em relação ao seu próprio pertencimento ao espaço social. Apreender a

relação entre essas representações e as suas práticas socioeducativas pode nos auxiliar a entender a ordem do perceptivo e do simbólico em três modos. O primeiro se refere ao modo de identificação dos coletivos e dos seus objetivos, por meio da interpretação das suas representações e práticas socioeducativas. A segunda diz respeito ao modo que eles estabelecem com os grupos e com os lugares que convocam formas de relações sociais que estabeleçam um vínculo afetivo com o seu espaço vivido. Por fim, esse conjunto permite identificar o terceiro modo, o da valorização de jovens e do seu espaço social vivido, cujas formas de sociabilidade no espaço revelam os seus atos de investimentos.

Plano socioeducativo: implica em integrar as representações e redes sociais às práticas socioeducativas; envolve uma interação entre o conhecimento significativamente construído pelos jovens e o conhecimento acadêmico. É provável que essa interação torne inteligíveis as definições e os conceitos teóricos desenvolvidos pelo conhecimento científico da área. Significa dizer que uma reflexão sobre a formação de redes é concebida pelos saberes de "senso comum" e pelas práticas socioeducativas em periferias urbanas, que são responsáveis pelo processo formativo de jovens ativos e participativos. Logo, é recomendado que, nas tomadas de decisão, os pesquisadores, as lideranças, os educadores e os professores reconheçam a necessidade de submeter a discussão sobre a Educação em Periferia Urbana.

Plano didático: a relevância didática deste estudo passa, ainda, pela integração das formas de compreensão das práticas socioeducativas no ensino e na aprendizagem da Educação em Periferias Urbanas que, quando possível, incluam conteúdos interdisciplinares da História, Geografia, Psicologia, Sociologia, entre outros. Sugerimos: questões étnico-raciais, o homem no espaço, sua cultura, suas práticas e atividades cotidianas, localizações, qualidade de vida, relações entre os sujeitos e os seus territórios etc. Esses conteúdos justificam a necessidade de compreender melhor as representações

e práticas sociais no/do espaço que evidenciam a subjetividade e o valor que os educandos atribuem aos lugares, possibilitando apreender alguns elementos da relação socioespacial.

Finalizando, o grande desafio que se apresenta é o de trabalhar a relação dessas práticas no espaço educativo não formal com aquelas desenvolvidas nas escolas de periferias urbanas. Por isso, a necessidade de avançar nas pesquisas que tratem dessa relação dialógica, valorizando a produção de sentidos, a reafirmação de que a educação não se realiza somente nas escolas, mas também como processos de formação do sujeito, troca de saberes e práticas educativas em diferentes espaços educativos.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 12, n. esp. 2007.
- ADERALDO, G ; RAPOSO, O. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa, **Horizontes Antropológicos**, v.22, n.45, p. 279-305. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Portugal; Edições 70, LDA, 2011.
- BARNES, J. A. **Social Networks**. Cambridge: Module 26, p.1-29, 1972.
- BARNES, J. Redes Sociais e Processo Político. In: FELDEMAN-BIANCO, B. (Orgs.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, p. 159-194, 1987.
- BIERNARCKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods and Research**, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- BOMFIM, N. R. A noção social do território: em busca de um conceito didático em geografia - A territorialidade. 01. Ed. Ilhéus: Editus, 2009, v. 01. 101 p.
- BOMFIM, N. R.; GARRIDO, W. V. C. Pesquisa solidária e colaborativa em educação. **Educação em Debate** (UFC), v. 41, p. 148-162, 2019.
- BOMFIM, N. R.; SANTANA, J. L. Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do subúrbioferroviário de Salvador/Bahia: contribuições para a

educação em periferias urbanas. **Notas técnicas**, UNEB, Salvador, Bahia. 2020.

CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. (Org.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília/DF: IPEA, 2009.

COLONOMOS, A. Emergence d'un objet et perspectives internationalistes. CHARILLON, F. et al (Orgs.). **Sociologie des réseaux transnationaux**. Paris: Editions L'Harmattan, 1995. 299p.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201p.

GARRIDO, W. V C. Representações sociais sobre futuro na realidade de jovens: tessituras do imaginário nas práticas socioeducativas. 2020. **Tese (Doutorado em Educação)** - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11. ed., 2006.

IBGE. **Panorama populacional do município de Salvador-BA do Censo de 2010**, Brasília, DF. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama>. Acesso em: 22 set. 2017.

IBGE. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 270 p. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em: 13 set. 2017.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

LAGO JÚNIOR. **Anais do VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão, Energia, Inovação, Tecnologia e Complexidade para a Gestão Sustentável**. Niterói, RJ, Brasil.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LOIOLA, E; MOURA, S. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. FISHER, T. (Org.). **Gestão Contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 53-68. 1997.

MARTINS, F. A. S. Vivendo e aprendendo a jogar: dimensões formativas de experiências participativas de ação coletiva e militância de jovens em uma

ocupação urbana em Belo Horizonte. **Tese (Doutorado em Educação)** - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. 2017.

MINAYO, M. C de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, p. 09-30. 2001.

MITCHEL, J.C. The Concept and Use of Social Networks. **Social Networks in Urban Situations: analyses of personal relationships in central African towns**. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse: son image et son public**. France: PUF, 1961.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Investigações em Psicologia Social. RJ: Petrópolis: Vozes, 2015.

PAIS, J. M. Máscaras, jovens e "escolas do diabo". **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: v. 13, n.37, 2003.

PINHEIRO, L. R. Educação e agenciamentos em periferias urbanas: a produção de alternativas laborais entre jovens. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-4698205923>

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, M. V. Redes sociais informais e compartilhamento de significados sobre mudança organizacional. Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, 2004, Salvador. Anais do Congresso Brasileiro de psicologia organizacional e do trabalho, v. 1. 2004.

SPOSITO; M. P; ALMEIDA; E. de; CORROCHANO, M. C. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. Dossiê: Movimentos Sociais e Transformações do Ativismo Contemporâneo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, 2020. <https://doi.org/10.1590/ES.228732>

WAIZBORT, L. (Org.). **Dossiê Norbet Elias**. São Paulo: EDUSP, 1999. 156p.